



REVISTA

IX Felis quie



FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DO SERTÃO DE JEQUIÉ

DEZEMBRO DE 2025 • JEQUIÉ-BA

Registros da FELISQUIÉ



Painel do Prêmio "Sante Scaldaferri" produzido pelo artista Israel Nery Santos, inspirado na edificação italiana "Fazenda Provisão".



Painel do Prêmio "Sante Scaldaferri" produzido pelo artista José Augusto Almeida, inspirado na edificação italiana "Edifício Grillo".



Painel do Prêmio "Sante Scaldaferri" produzido pelo artista Cristovaldo Rodrigues dos Santos, inspirado na edificação italiana "Casa Confiança".



A escritora Tais Geambastiane apresentando seu livro "Sobrevivência, frutificar o que já é frutífero", na Sessão "Com a palavra o escritor".



O público de sombrinas e guarda chuvas assistindo o show de Paulinho Jequiê e convidados.



Gleice Ferreira na oficina de grafismo indígena com o olhar atento da indigenazinha.



Da esquerda para direita Anna Gumpel, Patrícia Giacotti, Domingos Ailton, Décio Torres e Patrícia Orrico divulgando a camiseta da IX Felisquíe.



As escritoras Adriana Abrel e Tamires Leto na Feira do Livro da Felisquíe.



Ao lado do painel sobre a presença italiana em Jequiê as descendentes de italianos Tamires e Leticia Leto ao lado do escritor Domingos Ailton.



Nicola Bergamaschi, as descendentes de italiano da família Leto com camiseta especialmente para Felisquíe: Rita, Tamires, Ester, Leticia ao lado Domingos Ailton, Patrícia Giacotti, Lélea Amaral e Décio Torres.



Professora Sol com as alunas da EJA Carmozina de Jesus e Heremita Alves da Escola N. Sra. da Luz prestigiando a programação cultural da Felisquíe.



Conceição Barreto (Concinha), Diretora do IAT, Vânia Almdida e Diego Cerqueira (IAT)

Abertura da IX Felisquié reúne autoridades, escritores e artistas e celebra as relações culturais entre baianos e italianos



O prefeito Zé Cocá, a diretora do Instituto Anísio Teixeira (IAT), Vânia Almeida, o secretário de Cultura e Turismo, Domingos Ailton e o vice prefeito Flavinho no ato de abertura da Felisquié.

A IX edição da Festa Literária Internacional do Sertão de Jequié, a Felisquié, que teve como tema central “As relações culturais entre italianos e baianos” foi aberta na manhã de terça-feira, 21 de outubro, no Teatro Eunice Paiva do Colégio Estadual Luiz Navarro de Brito com apresentação musical com aluna da Escola Georgina Pereira, Alexia de Almeida Souza cantando o Hino de Jequié, da sanfoneira mirim Pérolla Bulhões tocando músicas instrumentais italianas e o Núcleo Cidade Sol da Neojibá entoando canções instrumentais brasileiras.

Na cerimônia de abertura, o evento contou com a presença do prefeito de Jequié, Zé Cocá; do vice-prefeito, Flávio Santana, Flavinho; da primeira-dama e secretária de Desenvolvimento Social, Patrícia Miranda Brandão Santana; do secretário de Cultura e Turismo, Domingos Ailton; secretário da Fazenda Marinaldo Cardoso; secretária de Administração, Alexandra Souza; secretário de Agricultura e

Meio Ambiente, José Claudemiro e o secretário de Desenvolvimento Econômico, Celso Galvão, do cantor e compositor Tonho Matéria; da diretora do Instituto Anísio Teixeira – IAT, Vânia Almeida e da gerente do Centro Internacional de Negócio da Federação das Indústrias do Estado da Bahia – FIEB,

Patrícia Orrico, além de descendentes de italianos que vivem em Jequié, escritores, artistas de várias linguagens, palestrantes, professores, estudantes entre outros segmentos.

Os artistas plásticos José Augusto Almeida, Israel Nery Santos e Cristovão Rodrigues receberam das mãos do prefeito Zé Cocá, do secretário Domingos Ailton, da jornalista e escritora Antonella Rita Roscilli e do cineasta Cícero Bathomarco certificado do Prêmio Sante Scaldaferri pela produção de murais artísticos que retratam edificações históricas dos italianos em Jequié.

A abertura contou ainda com a palestra “Um ítalo brasileiro filho de Trecchina e de Jequié: Homenagem ao Sante Scaldaferri, que foi proferida pela jornalista e escritora Antonella Rita Roscilli e mediada pela produtora cultural, Selma Santos, e exibição do filme Sante Scaldaferri, de Cícero Bathomarco.



A jornalista e escritora Antonella Rita Roscilli na conferência de abertura da Felisquié.

Três palestras visuais no Felisquié pela antropóloga italiana Patrizia Giancotti



Patrizia Giancotti da região da Calábria (Itália) volta ao Brasil para participar da Felisquié.

Estou de volta em casa: moro na Calábria, o ponto mais meridional da Europa. Pensar em Jequié daqui me enche ainda mais de gratidão por aqueles que quiseram a minha participação no Felisquié.

Acolhida dos organizadores, do público e dos colegas foi magnífica, inesquecível e carinhosa. Tivemos a oportunidade de assistir a palestras de professores, poetas e escritores, além de desfrutar de apresentações da cultura local — concertos, danças, capoeira, bumba meu boi, convívio, boa comida e alegria. Foi Patrícia Orrico, Gerente Geral da Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB), quem sugeriu a minha participação no Felisquié, e por isso agradeço a ela, juntamente com o Secretário de Cultura, Domingos Ailton Ribeiro, que aprovou a minha proposta e tornou possí-

vel a minha presença.

Quis apresentar três conferências que chamei de palestras visuais, porque foram enriquecidas por projeções de imagens.

A primeira, em homenagem aos pioneiros italianos de Jequié, teve o título “Italianos do Brasil — Histórias de uma valiosa contribuição”. Uma narrativa visual que procurou destacar a inestimável contribuição da comunidade italiana para a evolução social e cultural desta região e do Brasil em geral.

O público pôde conhecer documentos e cartas originais da migração do final do século XIX: histórias emocionantes, infortúnios, decepções, esperanças e vitórias. Uma aventura vívida, como um ritual de passagem — uma jornada para o Novo Mundo que, para milhares de pessoas, se chamava

Brasil.

Esse testemunho incluiu também relatos de grandes figuras, como o pintor Cândido Portinari, a arquiteta Lina Bo Bardi e personalidades mais recentes, como Dona Clélia Luppis, fundadora da Associação Itália-Brasil.

Dona Clélia dedicou parte de sua vida à difusão da cultura brasileira na Itália, colaborando com a Embaixada do Brasil na organização de concertos, convenções, conferências e exposições.

Ela também foi responsável pelo reconhecimento das cidades-irmãs Pé d'Avena e Ana Rek, ligadas pelos laços culturais da imigração.

O trabalho se concluiu com uma homenagem ao sociólogo Domenico De Masi, pelo seu sucesso editorial no Brasil e suas ilustres amizades — do presidente Lula a Oscar Niemeyer.

Todos esses italianos, cada um à sua maneira, contribuíram para o fortalecimento dos laços culturais entre nossos países e merecem ser lembrados.

A segunda conferência teve o título “Visões do Brasil na Itália”.

Retornando à Bahia depois de vários anos, quis compartilhar minhas experiências de divulgação cultural do Brasil que ocorreram na Itália: centenas de reportagens que realizei, dezenas de exposições fotográficas e programas de rádio para a emissora cultural nacional RAI 3, além de conferências, seminários e cursos para centenas de estudantes sobre as matrizes culturais do Brasil.

Implementando o que a antropologia chama de “restituição de materiais”, procurei usar imagens para mostrar o trabalho feito na divulgação de uma visão do Brasil multicultural e diversificado.

Esta apresentação também incluiu trabalhos de meus alunos da Academia de Belas Artes de Reggio Calabria, onde sou professora de Antropologia: pinturas, performances

e trabalhos gráficos, pesquisas sobre arquétipos e oráculos — tudo o que revela uma forte ligação entre a cultura brasileira e a mediterrânea.

O último encontro quis sublinhar precisamente os contatos entre o Brasil e a Magna Grécia, usando a metáfora da Sereia: aquela com asas descrita por Homero, a representada em objetos do século V a.C. encontrados nos museus da Calábria, e a mulher-peixe Yemanjá, cultuada na Bahia.

“Na rota da Sereia — do Mediterrâneo ao Brasil” foi o título desta última palestra.

Meu nome consta na página 405 do livro de Jorge Amado “Navegação de Cabotagem” (Record), onde se lê:

“Na Itália, Patrizia Giancotti festeja a cada trinta e um de dezembro a sua Yemanjá vinda da Bahia em um saveiro.”

E assim eu faço todos os anos — não apenas oferecendo flores às ondas, e não somente naquele dia, mas também através do meu trabalho de antropóloga e fotógrafa, que busca conectar o ritual baiano com a

antiga tradição das Sereias do mundo grego.

Este trabalho audiovisual foi uma viagem sensorial pela rota das Sereias, da Calábria — onde moro e onde os museus arqueológicos abrigam espelhos, pentes e frascos em forma de sereias do século V a.C. — às praias da Bahia, que celebram o dia de Yemanjá.

Imagens e narrativas que atravessam o mito da mulher-ave, chegando à arte surrealista, à literatura, ao som, ao símbolo, ao ritual e ao significado originário do arquétipo universal.

Essas três palestras com projeções de imagens foram um mergulho na identidade cultural da Itália e do Brasil, encontrando na Sereia um símbolo de união — emblema universal da fraternidade entre os nossos povos.

Agradeço ao Felisquie por ser uma ótima oportunidade para conhecer mais um pedaço do Brasil. Pais Mundo que parece uma amostra da diversificada humanidade do futuro, da qual os italianos também fazem parte.



Patrizia Giancotti comentou sobre visões do Brasil na Itália a partir de trabalhos desenvolvidos pelos seus alunos universitários.

Feira do livro com sessões “Com a palavra o escritor”



Diversos títulos de livros foram comercializados na feira do livro da Felisquíé.

Na “boca da noite” na Praça Rui Barbosa durante os três dias da Felisquíé, foi montada a feira do livro com sessões “Com a palavra o escritor” onde autores falaram de suas respectivas obras literárias, tendo na coordenação Lorena Geambastiani.

Participaram das sessões “Com a palavra o escritor” os autores Maribel Barreto: Livro - “A experiência do ser-sendo, como um dos Ditames da Consciência, na Itália”; Su Ferraz: Livro – “O voo da borboleta Maya”; Elane Nardotto: Livro- “Filosofias femininas”; Manoelito Ferreira: Livro – “unidos

pela bravura”; Maria Nery Nascimento: “Livro - meus cachorros”; Jonas Gomes - Organizador Paulo Nogueira: Livro- “Histórias, memórias e legados de personalidades, instituições, processos labor ativos, educacionais, econômicos, ambientais, esportivos, religiosos e políticos do município de Lafaiete Coutinho”; Tamires Romano: Livro – “O sapo sedento”; Celina Bezerra: Livro - cuco o passarinho de 100 anos; Tais Geambastiani e Regina Luz.

Shows, bate papo musical e espetáculos da cultura popular na programação artística

No período da noite, na Praça Rui Barbosa, foi realizada a programação artística. Dia 21 se apresentaram Alex Bartilotti, o Terno de Reis das Pastornhas com o Boi Mimoso, um lindo espetáculo da cultura popular; de Rosy Banda, que empolgou o público presente e contou com a participação de especial de Tonho Matéria, que além de belíssimo organizou roda de capoeira formada por de capoeiristas de grupos Jequié; dia 22 ocorreu o show de Geraldo Queiroz e pesquisador da obra de Raul Seixas, Silvio Passos junto com o cantor Fabian Orrico e a Banda Raulzitos fizeram um interessante bate papo musical com músicas e revelações surpreendentes do “maluco beleza”; dia 23 foi a vez de de Paulinho Jequié realizar o show “Jequié em Cantos II” e Larissa Luz encerrou a programação com um show vibrante, que levou o público a dançar com euforia.



Grande animação no show de Rosy Banda com a participação de Tonho Matéria.

EUCLIDES NETO, O HÓSPEDE DA UTOPIA



O escritor e jornalista Elieser César com publicações de sua autoria.

Foto: Nêstor Mendes Jr.

O título não podia ser mais apropriado para um homem que, como cidadão, político e escritor, sonhou com a justiça social no Brasil e com a reforma agrária, para que a terra - concentrada nas mãos de latifundiários - tivesse uma função social e não meramente especulativa e voltada apenas para a monocultura do agronegócio, como vemos hoje em dia: "Euclides Neto, o Hóspede da Utopia."

Esse foi o título da Mesa Redonda da qual tive a honra de participar, ao lado da professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Ana Sayonara Fagundes, por ocasião da IX Feira Literária Internacional do Sertão de Jequié (Felisquíé), em outubro passado, em Jequié, no sudoeste da Bahia, à convite do Secretário Municipal de Cultura e Turismo, jornalista Domingos

Aylton Ribeiro. O evento celebrou, com brilhantismo e ampla participação de pesquisadores, professores, estudantes e a comunidade em geral, o Centenário de Euclides, que viria a ser comemorado em 11 de novembro deste ano.

Poucos dias antes, já havia participado de outra Feira Literária sobre o mesmo tema, em Ipiaú, município do qual o Dr. Ocríde da gente humilde, aliás a sua gente, foi prefeito perseguido pela Ditadura Militar, que enfrentou com desassombro, e fez uma emblemática reforma agrária, dentro de suas próprias terras (para ornar de um maior simbolismo a medida corajosa), ao fundar a Fazenda do Povo. A Reforma Agrária voltaria a ser objeto do político Euclides Neto, quando ele ocupou a Secretaria Extraordinária da Reforma Agrária - a primeira de uma administra-

ção pública no Brasil, durante o governo Waldir Pires (1987-1989).

Mas, voltando ao tema da Mesa Redonda: na maior parte de seus 75 anos de vida, Euclides Neto (1925-2000) fez-se inquilino de uma aventura utópica. Não foi de uma utopia romântica, inexequível, delirante, fantasiosa, mas uma utopia possível. Aquela que com trabalho, boa vontade, seriedade e vontade política é possível realizar.

E não foi o que fez Euclides Neto, com a Fazenda do Povo e, quando Secretário Extraordinário da Reforma Agrária, desapropriou uma área de 54 mil hectares em Angical, no Oeste da Bahia, e ali assentou famílias de sem terra, ou dos despossuídos da terra, termo tão caro ao professor Albione Souza, morador de Ipiaú e pesquisador entusiasta da obra do político e escritor grapiúna?

O que Euclides quis ver em vida (e tudo fez ao seu alcance para que isso acontecesse), foi o trabalhador rural, pobre e explorado, dono de uma pedaço de terra, onde pudesse plantar, colher, comer do fruto que plantou e vender o excedente, a fim de ter uma vida digna, decente e laboriosa.

O correspondente literário desse projeto é a personagem Albertina, do romance A enxada e a mulher que venceu o próprio destino. Onde a utopia neste sonho acordado de Euclides Neto? De certo, não muito distante. Como também não esteve distante no começo dos anos 60, quando o projeto desenvolvimentista-nacionalista do governo João Goulart contemplava, entre as chamadas Reformas de Base, a distribuição de terras para as famílias de camponeses. João Goulart foi deposto pelos militares e as consequências desse nefasto golpe nós sabemos bem quais foram. Esse é um pouco do homem, Euclides Neto. Passemos, agora, ao escritor.

A LUTA DE CLASSES NA TERRAS DO CACAU

Sempre vou carregar a honra ter escrito o primeiro trabalho acadêmico sobre Euclides Neto, dando assim o pontapé inicial para uma fortuna crítica da obra do escritor que, de lá para cá vem crescendo como o fruto do cacau no solo fértil. No ano 2000, defendi no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA) a dissertação de Mestrado "O Romance dos Excluídos - Terra e Política em Euclides Neto". Em 2003, ela virou um livro de ensaios, publicado pela Editus, a editora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

Minha intervenção na Mesa Redonda da IX Felisquí, como não podia deixar de ser, foi centrada neste livro seminal sobre a obra romanesca de Euclides Neto. O livro analisa quatro romances de Euclides Neto que, no conjunto, eu chamo de Tetralogia dos Excluídos (das roças do cacau): Os Magros (1961), O Patrão (1978), Machombongo (1986) e A enxada e a mulher que venceu o próprio destino (1996).

Nos ensaios, procurei demonstrar, valendo-me da crítica marxista, que a luta de classes nas terras do cacau é o leitmotiv da obra de Euclides Neto e que em todos os seus livros ambientados na lavoura cacaueira o escritor toma o partido do trabalhador pobre e explora. E ainda que seguindo a trilha do Romance Social dos Anos 30 e buscando no humanismo marxista o referencial teórico para a construção de sua obra, Euclides Neto procura ser o porta-voz dos humilhados e ofendidos das roças do cacau.

Euclides Neto professou um marxismo bem distante da doutrina ortodoxa da ditadura do proletariado. O escritor grapiúna foi, acima de tudo, um socialista cristão. Observei que em Euclides Neto a virulência histórica do marxismo foi temperada pelas influências menos radicais da juventude. Primeiro a de

Jesus Cristo, de quem recolheu a opção preferencial pelos pobres. Depois de Mahatma Gandhi, em quem foi buscar o pacifismo messiânico. Também do escritor russo Leon Tolstói, pelo seu amor pela terra e pela vida no campo.

Durante a Mesa Redonda da Felisquí, me ocorreu, num estalo, uma quarta influência que, até então, havia me passado despercebida. Em sua obra, Euclides Neto manifesta também seu amor pelo bichos, cabras, vacas, bois, cachorros, porcos, passarinhos e até pelos jumentos, uma multiforme fauna. Então, (claro!), pensei em São Francisco de Assis.

Para concluir vamos à uma breve análise dos quatro romances que estudei. Euclides Neto foi o arauto da construção de um socialismo reciclado pelo reparo de seus erros e a aplicação, por um novo paradigma, de seus inquestionáveis acertos, como sublinho no livro sobre a tetralogia dos excluídos. O autor grapiúna fez seu o axioma de Jean-Paul Sartre, expoente da literatura politicamente engajada, segundo o qual, "o escritor deve tomar partido contra a injustiça, de onde quer que venham." Como o gaúcho Sérgio Faraco, ele também acreditou que "um escritor sempre acha que vai salvar alguém de alguma coisa. Tal Ernest Hemingway de "Ter é não ter", ele também diria: "Eu não sei quem fez as leis, mas sei que não há nenhuma lei que diga que você tem que passar fome."

Euclides Neto foi o continuador da saga do cacau de Jorge Amado. Jorge narra a construção e a consolidação da civilização do cacau, com toda a sua carga inexorável de violência. Euclides, a decadência, quando o herdeiro do antigo coronel já não vive na fazenda, mas em Salvador, não tem mais a ligação telúrica com o solo da promessa, mas entrega a fazenda ao capataz, para viver de rendas.

O romance Os Magros é um painel da opressão nas terras do cacau. Um inventário de contraste, escrito com a técnica do contraponto. É a história de

duas famílias opostas em tudo. A do proprietário da Fazenda Fortuna (atenção para a ironia), Dr. Jorge, é a do agregado João. A primeira vive na opulência e se derrama no consumo ostensivo. A segunda está condenada à miséria daqueles que vivem na fronteira da não existência.

O Patrão, ao contrário da passividade atávica de João de Os Magros, apresenta um herói positivo, Tomás, que rouba umas cabeças de gado do proprietário da fazenda que o explorava sem piedade, e, para não ser denunciado, acaba matando-o numa emboscada. É a resposta trágica do oprimido.

Em A enxada e a mulher que venceu o próprio destino, acompanhamos a surpreendente reviravolta na vida de Albertina, que escoraçado da cidade depois de quebrar um precioso jarro da patroa, termina ocupando um pedaço de terra à beira da estrada e nela, com o consentimento de um bom fazendeiro, termina prosperando e mudando de vida. Inverossímil diante da injustiças que ainda perduram no campo, com insidiosas relações de produção medieval? Não. Uma utopia agrária, fruto do desejo de Euclides Neto de ver a prosperidade no campo.

Machombongo é uma espécie de crônica pós-64 no campo, com o fortalecimento do poder de um coronel que, ao primeiro toque da caserna, adere ao golpe militar e, em troca da colaboração pressurosa, tem seu poder ampliado.

O escritor grapiúna, principalmente em Os Magros, faz uma literatura de extremos, carregando nas tintas da opressão para chocar e indignar o leitor, e, por fim, atraí-lo para a causa dos famélicos e dos oprimidos. Em toda a sua vida, em todas as suas ações, Euclides Neto demonstrou que somente os grandes espíritos conseguem se hospedar, com a familiaridade de quem está no seu próprio lar, na casa redentora da utopia.

* Elieser Cesar é jornalista e escritor, autor, dentre outros livros, de "O Romance dos Excluídos - Terra e Política em Euclides Neto".

DEPOIMENTO

Anna Gumpel, atriz



A atriz italiana Anna Gumpel com alunas do Colégio Navarro de Brito.

Participei da IX edição da Festa Literária Internacional do Sertão de Jequié (Felisquíê), realizada entre os dias 21 e 23 de outubro, na cidade de Jequié, no Estado da Bahia, Brasil. Tive o privilégio de ser recebida com uma cordialidade sincera por toda a comunidade local — uma acolhida que confirma a fama de Jequié como a “Cidade Sol”, localizada na região sudoeste da Bahia e conhecida pelo seu clima quente e pela sua viva tradição cultural.

A experiência foi profundamente enriquecedora, tanto para mim quanto para os estudantes com quem pude dialogar. Foi uma oportunidade de crescimento e de troca mútua, num contexto cultural diverso e inspirador. Destacou-se, especialmente, o aprofundamento da história da imigração italiana nesta região — e, em particular, da presença italiana em Jequié,

cidade que recebeu inúmeros imigrantes italianos ao longo do tempo.

Durante o festival, tive a honra de ler um poema no palco do poeta Décio Torres Cruz, membro da Academia de Letras da Bahia. Ao final da leitura, tive o prazer de conhecer um grupo de jovens entusiasmadas e curiosas, interessadas em saber mais sobre a profissão de atriz e sobre o universo do teatro. A atenção e o envolvimento delas foram especialmente comovedores: senti uma curiosidade genuína e um interesse autêntico pela arte cênica.

Essa reação tão positiva dos jovens em relação ao teatro e à atuação me tocou profundamente e me encheu de entusiasmo. Por isso, gostaria muito de propor, no próximo ano, um laboratório de teatro voltado para os estudantes — uma oportunidade para explorar a linguagem expressiva

e criativa das artes cênicas, e para continuar construindo essa ponte cultural entre a Itália e o Brasil que o Felisquíê representa de forma tão bonita.

A curiosidade em relação a mim — como convidada “vinda de fora” — foi sincera e calorosa. Para eternizar esse encontro tão especial, tiramos uma linda foto que guardo com muito carinho, como lembrança de um momento intenso e significativo.

Em conclusão, participar do Felisquíê e permanecer em Jequié me proporcionou uma nova perspectiva sobre um território brasileiro rico em história, humanidade e diversidade cultural. Levo comigo essa experiência como uma das mais autênticas e inspiradoras da minha trajetória, com a esperança de que seja apenas o início de uma colaboração duradoura e frutífera com a comunidade de Jequié

A celebração do centenário do escritor, advogado e gestor público, Euclides Neto

Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo¹

Gostaria de iniciar apresentando o homenageado no centenário do seu nascimento. O escritor, advogado e homem público Euclides José Teixeira Neto (1925-2000) nasceu em 11 de novembro de 1925, em Jenipapo, distrito de Areia (hoje Ubaíra), mudou-se para Ipiaú, onde advogou por 40 anos. Além de criador de cabras, foi prefeito e secretário de reforma agrária da Bahia. Foi membro fundador da Academia de Letras de Jequié e membro da Academia de Letras de Ilhéus.

A vida de Euclides Neto está relacionada com a questão agrária e os trabalhadores rurais, homens e mulheres que sabem cuidar da terra e fazê-la florescer. O homenageado assim se define em *Trilhas da reforma agrária*:

Ligado à terra, até onde o braço da genealogia arbustiva alcança, conheço todas as trilhas de quem assiste na roça. Das quadras de lua às alegrias e dificuldades. Amentado por uma cabra, trago do berço um duplo complexo de Édipo (Euclides Neto, 2014, p. 21).

Ao revelar a ascendência agrária, que o alimenta física e culturalmente, Euclides Neto revela mais do que um dado biográfico. Expõe a ligação telúrica com o local de origem, espaço rural, e com homens e mulheres que habitam esse espaço.

Conhecer “as trilhas de quem assiste na roça”, coloca o escritor em relação de irmandade com os que vivem e trabalham nas roças, nutre a imaginação e o ajuda a compor sua obra formada por relatos, romances, contos, crônicas, dicionário de termos da região cacaueira, ensaio, além da seleção e organização de coletânea de contos de autores baianos, totalizando quinze livros publicados. O “caipira,

tabaréu, caititu” (Euclides Neto, 2002, p. 11), como se define, torna-se autor, advogado e gestor público, cujas ações têm a terra como um dos motes principais.

Gostaria de destacar brevemente, dois livros de Euclides Neto - *64: um prefeito, a revolução e os jumentos* (1983) e *Trilhas da reforma agrária* (2014). O relato de *64* foi escrito a partir das experiências de Euclides Neto quando fora prefeito de Ipiaú nos anos de 1963 a 1967. Nele, o escritor narra as repercussões do golpe militar de 1964 em Ipiaú, Bahia, e conta sobre o inquérito policial militar que respondeu. Fala da primeira experiência de reforma agrária na Bahia, em 1963, a Fazenda do Povo, e como o município de Ipiaú tornou-se Município Modelo da Bahia em seu governo. Narra a edificação do bairro da Democracia, a criação do Museu do lavrador, do Ginásio Agrícola, do Hospital, da Biblioteca Municipal e o contato com trabalhadores e trabalhadoras rurais, revelando a sensibilidade do escritor e gestor público em plena ditadura militar.

O relato *Trilhas da reforma agrária* fala de um outro momento da vida de Euclides Neto. Ele conta o período que fora secretário da reforma agrária da Bahia entre os anos de 1987 a 1989, cargo que exerceu a convite do então governador da Bahia Waldir Pires, quando da abertura política, após o longo período de ditadura militar.

Nessas duas obras, Euclides Neto revela o compromisso com a verdade e a alteridade, edificando, assim, sua ética. E para tratar dessas características do gestor público, escritor e advogado, gostaria de destacar a passagem de *Trilhas* que diz:

Enfim, direi da rotina, de fatos, alguns até pitorescos. E outros trágicos, como o de um pai que chegou molhado em lágrimas, roto, pés gretados, espavorido pela desgraça e falou: “- Seu doutor, não choro porque queimaram minha plantação e meu rancho. Nem porque mataram minha mulher quando me ajudava a plantar feijão. Choro porque há três dias, meu filho de dois meses procura o peito da mãe e não encontra. Ela está debaixo da terra. O tiro que era pra mim, pegou nela. Me acuda”. Falarei de lágrimas que vi e verti. (Euclides Neto, 2014, p.20)

Percebe-se na citação – retirada do segundo capítulo de *Trilhas da reforma agrária* – a tentativa de estabelecer, logo no início da obra, um compromisso com a verdade factual ao destacar em discurso direto a fala de um pai, trabalhador rural, narrando o assassinato da companheira e a orfandade do filho de dois meses. Assim o é, pois, evidencia comprometimento em narrar as “lágrimas” que viu, como se fosse testemunha dos fatos a serem relatados.

Além do comprometimento com a verdade, a expressão “Falarei de lágrimas que vi e verti” explicita alteridade, vez implica falar das lágrimas não apenas vistas, mas vertidas ao ouvir os relatos dos trabalhadores (as) rurais, das mortes, das perseguições e das privações sofridas. Esse movimento de colocar-se no lugar do outro é constante nas narrativas de Euclides Neto, que registram e socializam as realizações desenvolvidas ao assumir cargos públicos.

O sentido da palavra alteridade no campo do discurso de Direito, espaço de atuação do autor supracitado se faz

¹ Doutora em Literatura e Cultura (UFBA). Mestra em Estudos de Linguagens (UNEB). Professora da Área de Estudos Literários da UESB, Campus de Jequié.

presente “para expressar a necessidade de um outro” Dentre as questões levantadas por Aguiar (2006), destaca-se: “Quem é o outro? Como constituir relações com os diferentes, os distintos? [...] Como pensar justiça em relação à alteridade? A partir do que entendemos e construímos socialmente a figura do outro?” (Aguiar, 2006, p. 12).

Na citação de *Trilhas*, o outro é pai e agricultor, e, no lugar de quem trabalha a terra para tirar o sustento, sofre violência. O outro para o agricultor é o “doutor”: título que recebe os advogados, os formados em Direito, título usado na escala social àqueles que detêm o poder econômico e/ou de decisão, como o de secretário da reforma agrária, a quem o agricultor violentado narra a “desgraça” que se abateu sobre a família.

Chorar com o outro, sentir as dores que o atormenta, esboça uma relação,

que apesar das circunstâncias desiguais, o “nós” se constitui numa relação de linearidade e não de superioridade. A citação apresenta o primeiro contato do Secretário de Reforma Agrária da Bahia, Cooperativismo e Irrigação narrado em *Trilhas*. Evidencia um encontro com alguém que tem rosto e história, é pai e agricultor, e pede socorro, revelando a fraqueza humana diante da violência e da morte.

É um pedido de ajuda que confronta o outro na posição que ocupa, e espera dele ações que lhe atenuem a dor. Euclides Neto compromete-se com o outro e propõe falar dos “trabalhadores rurais, suas queixas, lágrimas, sangue derramado nas covas de mandioca, da compra do gadinho, [...] da casa de sopapo, da sede, da fome, [...]” (Euclides Neto, 2014, p. 20).

O que Euclides Neto propõe em sua obra é dar rosto e nome ao homem

e à mulher da zona rural, é valorizar a cultura e o conhecimento ancestral, a fala, como faz em *Dicionareco das roças do cacau e arredores* (2002). Por isso, é necessário celebrar o centenário do escritor, para que as novas gerações possam conhecer sua obra e dar vida a livros tão instigantes como esses retomados aqui.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Roberto A. R. de. **Alteridade e rede no Direito**. Veredas do Direito, Belo Horizonte, 11. v.3. n.6. p.11-43. Julho-Dezembro de 2006.

EUCLIDES NETO. **Trilhas da reforma agrária**. 2 ed. rev. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Littera Criações Ltda, 2014. (Coleção Euclides Neto. Obras Completas; v.XII)

EUCLIDES NETO. **Dicionareco das roças de cacau e arredores**. 2. Ed. Ilhéus: Editus, 2002.

EUCLIDES NETO. **64: um prefeito, a revolução e os jumentos (a fábula do presidencial Salém)**. Salvador: Livraria Fator, 1983.

IAT realiza oficinas formativas e cobertura com Agência de Notícias durante a Felisquié

Equipes do Instituto Anísio Teixeira - IAT estiveram no Colégio Estadual Navarro de Brito, durante a Felisquié, para realizar as oficinas formativas de Educação Oceânica, Racismo Ambiental e Natureza em Jogo.

Ocorreu também apoio à cobertura colaborativa com Agências de Notícias da rede e organização dos fluxos de estudantes para gravações e oficinas.

A abertura da Felisquié contou também com a presença da diretora geral do IAT, Vânia Almeida.

De acordo com relatório de Arlindo Matheus Santiago de Brito da Coordenação de Aprendizagem Criativa e Cultura Maker, vinculada a Diretoria de Inovação e Tecnologia do Instituto Anísio Teixeira – IAT, a “participação do Instituto Anísio Teixeira na FELISQUIÉ 2025 contribuiu significativamente para a promoção de práticas formativas, fortalecendo a articulação entre educação, cultura, tecnologia e protagonismo estudantil, reafirmando o compromisso institucional com uma educação pública de qualidade”.



Felisquíé Itinerante percorre escolas e mobiliza professores e alunos



Grupo de dança no Colégio de Jequié com uma expressiva coreografia, que foi inspirada no canto e na labuta das lavadeiras.

A comissão organizadora da Festa Literária Internacional do Sertão de Jequié e a Secretaria de Cultura e Turismo da Prefeitura de Jequié promoveram a Felisquíé Itinerante, formato de promoção de palestras e atividades culturais com participação de convidados, professores e alunos das escolas visitadas.

Sexta-feira, 25 de julho, Dia do

Escritor, em comemoração a data do artista da palavra, a Felisquíé Itinerante realizou a primeira ação no Colégio Estadual de Jequié, contemplando os estudantes e professores da unidade.

O evento no Colégio Estadual de Jequié (antigo Colégio Polivalente Edvaldo Boaventura) teve início com a apresentação do Núcleo Cidade Sol do NEOJIBA, que emocionou a todos.

A manhã também foi marcada pela palestra do escritor e secretário de Cultura e Turismo de Jequié, Domingos Ailton, que compartilhou com os alunos e professores a trajetória da Felisquíé.

Durante as atividades, o público teve a oportunidade de acompanhar os professores Valter Marcelo e José Vitor, que compartilharam um rico conteúdo sobre a contribuição dos imi-



Felisquíé Itinerante no Colégio Jequié.

grantes italianos para o desenvolvimento de Jequié. Usando imagens históricas de mapas e fotografias antigas, o professor Valter destacou o surgimento da Casa Confiança, o primeiro estabelecimento comercial da cidade, fundada pelos italianos José Rotandano e José Niella, além da organização da primeira feira livre, na área que hoje é a Praça Luiz Viana. Já o professor José Vitor tratou a história de como Santo Antônio de Pádua foi escolhido padroeiro de Jequié, fato que agradou tanto a comunidade local quanto os imigrantes.

A programação do evento também contou com performance do Grupo SemTeias, formado por alunas do colégio, que apresentaram uma coreografia inspirada no canto e na labuta das lavadeiras, um espetáculo de dança que relembrou a resistência e o trabalho feminino no contexto histórico do

município. No espaço literário, os professores e escritores Adriana Abreu, Ailana Freitas, Mileide Machado e Osvaldo Braga compartilharam suas experiências de criação literária, incentivando os jovens presentes a se dedicarem à escrita e à expressão cultural.

Dia 3 de setembro a Felisquié Itinerante aportou no CIEB Jequié (antigo Colégio Luiz Viana) em celebração a data de nascimento do poeta Waly Salomão.

Na programação aconteceu apresentação do Núcleo Cidade Sol da Neojiba; a palestra “O que é a Felisquié?” proferida pelo escritor Domingos Ailton; declamação de poesias de Sofia Barbosa dos Santos; apresentação musical com Ana Clara Souza Nascimento, Leandro Quadros e Juan Diego Mazo; coreografia do Grupo de Dança Bará; Mesa Literária com o tem “O processo de criação literária”

com a participação das escritoras Adriana Abreu e Ailana Freitas e a palestra “A contribuição dos italianos na formação de Jequié com o professor da UESB, Valter Marcelo.

Dia 11 de setembro foi a vez do CEEP Régis Pacheco (antigo IERP) receber a Felisquié Itinerante, que contou com apresentações poéticas de Arthur Alves Santos e Jully Santos Almeida; palestras “O que é a Felisquié?”, com Domingos Ailton, “A contribuição dos italianos na formação de Jequié com o professor da UESB, Valter Marcelo; “O processo de criação literária” com escritora Ailana Freitas além da apresentação musical do cantor Jô Bahia.

A programação da Felisquié Itinerante foi organizada pela diretora de Patrimônio Artístico e Cultural da Secretaria de Cultura e Turismo, Sandra Aragão Brito.

EXPERIÊNCIA DA FELISQUIÉ NA FLITÊ

O curador da Felisquié, Domingos Ailton, esteve participando da mesa literária com curadores de festas e feiras literárias no último dia 21 de novembro na Feira Literárias de Itaetê – Flitê em Itaetê, na Chapada Diamantina, ao lado de curadoras, a exemplo de Lísias Azevedo (Flitê), Ester Figueiredo (Fligê e Fli-Conquista) e curadores: Marcos Paraguaçu (Fligê) e Emidio Tapioca (Flian).

Na sua palestra, Domingos Ailton, fez um relato da experiência da Felisquié, uma das mais antigas festas literárias da Bahia, comentou sobre os formatos dos eventos lite-

rários e destacou o trabalho do deputado federal Waldenor Pereira Filho (presente na Flitê) de apoio a diversas festas e feiras literárias na Bahia

com recursos de emendas parlamentares, a quem o escritor denominou de “Deputado das Letras e das Festas e Feiras Literárias”.



O curador da Felisquié, Domingos Ailton, palestrando ao lado de curadores de festa e feiras literárias.

Antonella Rita Roscilli na Felisquié

Fazer parte da IX Felisquié foi uma experiência inesquecível. Em tantos anos em que viajo para o Brasil nunca tinha conhecido Jequié. Essa primeira vez foi repleta de muitos momentos especiais entre os quais as homenagens ao médico/herói italiano Siro Lilli, cuja pesquisa levo à frente há anos. Descobri uma cidade que não esquece de suas raízes, desenvolvida, vital, graças a uma administração que olha para o Bem Comum, e a iniciativas culturais/educativas como esta: a Feira Literária Internacional do Sertão de Jequié. Eu, italiana, escritora e na Itália Diretora editorial da Revista bilingue Sarapegbe, em que durante anos tinha publicado artigos sobre Jequié, sou brasilianista e pesquisadora, e também com projetos in fieri sobre a imigração italiana no Nordeste do Brasil. Acolhi com entusiasmo o convite do Secretário de Cultura e Turismo Domingos Ailton, para eu abrir esta edição com uma palestra que homenageasse a temática central desta IX edição, ou seja, as relações culturais entre italianos e baianos, e a contribuição dos italianos na formação do município. No Teatro Eunice Paiva do belo Colégio Estadual Navarro de Brito, repleta de estudantes e autoridades, tive a honra de apresentar um excursus histórico das relações entre italianos e brasileiros, a imigração italiana no Brasil, particularmente na Bahia, fruto de minhas pesquisas, e levar a história de vida do artista plástico ítalo-brasileiro Sante Scaldaferri, cujos pais eram de Trecchina, da região Basilicata. A apresentação da minha biografia foi feita por Selma Santos. Depois, como representante da viúva D. Marina Scaldaferri, me encontrei ao lado do

prefeito Zé Cocá e do diretor Cícero Bathomarco na premiação do Primeiro “Premio Sante Scaldaferri”, para jovens artistas. Isso tudo foi muito importante e já quando recebi o Secretário Domingos Ailton em Roma, tivemos a possibilidade de levar essas temáticas no evento que organizei na Câmara dos Deputados, graças à disponibilidade do dep. Fabio Porta, em que o Secr. Domingos Ailton, um baiano, pela primeira vez discursou em Montecitorio. Da palestra em Jequié fez parte a visão de um doc que escolhi pessoalmente: “Sante Scaldaferri” de C. Bathomarco tendo como base a última exposição que Sante realizou em 2011 no Palacete das Artes de Salvador Bahia. Durante a Feira Literária sempre observei a seriedade e o entusiasmo com que os estudantes jequieenses tinham se preparado com teatro, música e dança. Acompanhei outras palestras muito interessantes. A segunda palestra que realizei, foi “Zélia Gattai e a reconstrução memorial da emigração italiana no Brasil”. Com essa minha fala, mediada por Ailana Freitas, a Felisquié fez homenagem à grande escritora e memorialista ítalo-brasileira, da qual sou biógrafa. Durante o Festival illustrei também minha obra literária que foi lançada na ocasião, “Zélia Gattai e a Imigração italiana no Brasil entre Séc. XIX e Séc. XX” (ed. Edufba), que já foi apresentada no Portugal, na ALB, em Brasília na UnB, em Firenze e em Roma na Sala de Imprensa da Câmara dos Deputados em 2024, escolhida para representar na Itália os 150 anos da Emigração italiana no Brasil. Visitei também o interessante Museu da cidade onde realizei uma Oficina Literária na Felisquiezinha com título O pulsar

do coração, leitura extraída do meu livro bilingue “Storia di un Pino di città e altri racconti” (ed. Antonio Dellisanti) com alunos de escolas públicas entre 6 e 8 anos. Meu livro é formado por várias histórias para adultos e crianças, que transcendem o fantástico e oferecem reflexões profundas sobre valores humanos. Nesta oficina, além de buscar introduzir o hábito da leitura de livros nas crianças com o objetivo pedagógico e disciplinar, quis ressaltar a possibilidade de incentivar a atenção e curiosidade pelo mundo e para os outros, além da tecnologia, ferramenta muito importante, mas que hoje em dia é objeto de preocupação, devido ao mergulho contínuo das crianças nela. Tive com eles um bate-papo final e me dei conta da importância de ter dedicado um espaço a eles no âmbito do Festival literário: a escuta deles foi fundamental. Além de comidas, músicas e dança tradicional, fiz um belo passeio em que pude conhecer flora e fauna local graças ao guia Sidiney Vitorino e ao Secretário Domingos. Naquele dia, eu e outros colegas, vimos de perto a variedade de Jequié: os biomas da caatinga, da mata atlântica e da mata cipó. Um outro momento importante foi ter prestigiado o Desfile Cultural no palanque oficial, na ocasião do 128º aniversário da cidade. A visibilidade dada a cada segmento da sociedade me pareceu de fundamental importância, e ver representada a história dos imigrantes de Trecchina, da minha terra italiana, foi muito emocionante. Concluindo, as trocas culturais que tive durante a IX Felisquié são de suma importância e espero que cheguem outras. Jequié, città del Nordest brasileiro, agora mora no meu coração.

PASSEANDO PELO BOSQUE DA LITERATURA

Regina Luz
(Felizquíe, Jequíe – reginaluzj87@gmail.com)

O presente artigo discute a metáfora do "bosque da literatura" como espaço simbólico de leitura, memória e resistência, destacando a relevância das escritoras negras e das narrativas de ancestralidade para a formação leitora. Dialoga-se com a obra de Igiaba Scego, Conceição Evaristo e referências contemporâneas, analisando as implicações do direito à literatura para leitores periféricos e para a formação escolar brasileira.

O título da mesa traz uma incógnita sobre quem está passeando ou vai passear pelo bosque da literatura. Ao longo do bate-papo, busca-se descobrir qual tipo de leitor realiza esse percurso, explorando o bosque-texto até chegar ao final da história. Caminhar pelo bosque da literatura é aceitar que cada palavra se comporta como uma árvore que, em conjunto com outras, compõe a ficção. Entre as veredas surgem autoras que ampliam o horizonte do leitor, convocando-o a enxergar o mundo com outras lentes.

Nesse bosque plural, o leitor se depara com escritoras que merecem ser lidas, como Igiaba Scego, escritora italo-somali, Conceição Evaristo, autora brasileira, e Regina Luz. As três se entrelaçam em ideias que se cruzam pela sensibilidade, pela ancestralidade e pela urgência de narrar resistências silenciadas. Para essas escritoras, o eixo da leitura não se dá apenas pela imaginação, mas pela memória histórica e afetiva.

O texto de Igiaba Scego funciona como referência para Conceição Evaristo, que, por sua vez, é referência para Regina Luz. Esse movimento ultrapassa fronteiras europeias e revela raízes ocultas, explicitando relações entre Itália e Brasil. A literatura de Scego ressalta que todo bosque possui brotos de esperança e que a palavra é viva, pulsante, necessária para expressar emoções, dores e processos de superação.

Surge, então, a questão: a quem é dado o direito de passear nesse bosque literário? Para ser um leitor atento, é preciso observar detalhes do texto, seu narrador, enredo e personagens. Isso exige tempo, preparação e, sobretudo, acesso.

O leitor periférico, sem livros ou direitos básicos garantidos, consegue realizar esse passeio metafórico? É essencial compreender a literatura como bosque e esse passeio como direito — como defende Antonio Candido. Urge ampliar o espaço da literatura de autoria negra, para que o leitor marginalizado tenha a experiência literária como centralidade de sua existência.

A obra literária deve ser ampla, abordando identidade, subjetividade, sentimentos e lutas do povo negro como matéria-prima. Nesse sentido, destaca-se a importância de dar visibilidade a personagens silenciadas, como faz Conceição Evaristo ao recuperar memórias invisibilizadas.

A professora de literatura, ao ensinar o cânone que lhe foi transmitido, percebe a ausência de autoras negras em sua formação. Tal ausência reforça uma literatura marcada pela branquitude e por critérios críticos eurocêntricos. O currículo escolar exalta oposições entre Romantismo e Realismo ou entre Modernismo e Parnasianismo, enquanto autores como Luiz Gama são omitidos, e Cruz e Souza é reduzido a mero representante do Simbolismo.

Essa estrutura autoritária de ensino, ao não contemplar o leitor-aluno, torna-se tradição. Diante disso, escrever literatura para infâncias que recupera figuras como Maria Firmina dos Reis, Auta de Souza e Luiz Gama torna-se um ato de transformação e reconstrução histórica.

Na busca por esse passeio literário, encontra-se Igiaba Scego — escritora, ativista social, doutora em educação e estudos pós-coloniais. Em entrevistas, afirma que suas referências formativas são majoritariamente italianas e brancas, como Horácio, Petrarca e Boccaccio, mas que faz questão de buscar referências negras.

Em *Cassandra em Mogadíscio*, Scego reconstrói a genealogia familiar por meio de uma carta à sobrinha, transformando sofrimento em esperança graças às palavras. A obra celebra irmandade, perdão, cuidado e paz, defendendo a possibilidade de um novo mundo. Seus textos dialogam

com a literatura de Conceição Evaristo e com a obra de Caetano Veloso, sobre quem escreveu *Caminhando contra o vento*, analisando interseções entre música, teatro e identidade.

O passeio pelo bosque é o que se realiza metaforicamente em espaços como a mesa literária aqui representada. Como afirma Conceição Evaristo, todos têm direito à terra, à cidadania e, sobretudo, ao respeito — ninguém pode viver com cidadania inconclusa. Milton Santos também ressalta que classes populares vivem exiladas em seu próprio país, com acesso limitado à leitura e às mediações adequadas.

A contemporaneidade precisa ser vista como tempo de encontros e ressurreição, oportunidade de renovar a juventude interior, como afirma Conceição. Nesse contexto, a obra *Meu sonho, cor do luar* apresenta uma narrativa de ancestralidade em que Chika pesquisa sua árvore genealógica e descobre a escritora Auta de Souza, reencontrando sua identidade e direito a sonhar.

Falar de direitos é falar de sonhos, de acesso à literatura e de mediação competente. O bosque literário é espaço de resistência, memória e reinvenção, e cabe à literatura negra recolocar vozes silenciadas no centro da experiência humana.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

EVARISTO, Conceição. Literatura afro-brasileira. Portal Grupo Letras. Disponível em: <https://www.blogdoletas.com>. Acesso em: 18 nov. 2025.

LUZ, Regina. *Meu sonho, cor do luar*. [S.l.: s.n.], 2024.

SCÉGO, Igiaba. *Cassandra em Mogadíscio*. São Paulo: Nós, 2023.

SCÉGO, Igiaba. *Caminhando contra o vento*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

Projeção da Felisquié na Itália

A IX edição da Felisquié contou com registros em eventos e veículos da imprensa italiana.

Na conferência A emigração italiana no Brasil: De Trecchina para Jequié proferida pelo escritor Domingos Ailton (primeiro baiano que palestrou no parlamento italiano), realizada dia 15 de setembro na Sala de Imprensa da Câmara dos Deputados, organizada pela jornalista e escritora Antonella Rita Roscilli e promovida pelos deputados Fábio Porta e Christian Di Sanso, diversos oradores fizeram referência a Felisquié.

Uma importante reportagem, assinada pela jornalista Alcília Lopes Araújo, foi publicada no Observatório Romano (jornal do Vaticano) em que destaca a Felisquié; o curador da Felisquié, concedeu entrevista a Rádio do Vaticano revelando a dimensão da nona edição da festa literária.

Diversos blogs, revistas eletrônicas e jornais italianos se reportaram a Felisquié.

A entrevista que Domingos Ailton concedeu a Rádio do Vaticano foi veiculada em todos os países que falam a língua portuguesa.

Na renovação da germinação (renovação da irmandade) formalizada pelos prefeitos de Jequié, Zé Cocá e de Trecchina, Fábio Marcante, dia 30 de setembro, a Felisquié foi ressaltada como importante evento para o intercâmbio entre italianos e baianos.

O programa de rádio "Mix Culturale Italia e Brasile", conduzido por Simona Adivíncula, prestou um Tributo à Felisquié e a Jequié e contou com a participação de Domingos Ailton, Gleice Ferreira, Selma Santos, Antonella Rita Roscilli e Nicola Bergamaschi, foi veiculado no último dia 28 de novembro.

Saiu no mês de novembro de 2025 na Comunità italiana, a maior Revista do Brasil que trata de assuntos ligados



O escritor e jornalista Domingos Ailton foi o primeiro baiano a realizar uma conferência na Câmara de Deputados da Itália.

à relação Itália/ Brasil, reportagem intitulada "Sertão baiano com sotaque diferente" que registra a singularidade da emigração italiana em Jequié e resalta a Felisquié, tendo com base a entrevista com Domingos Ailton e Antonella Rita Roscilli.

X Edição da Felisquié vai homenagear Centenário de Emerson Pinto de Araújo e de Milton Santos

Com tema "Jequié nas páginas de Emerson Pinto de Araújo e de Milton Santos", a X Edição da Felisquié vai homenagear em 2026 o centenário de nascimento de dois relevantes intelectuais: o historiador, memorialista e cronista Emerson Pinto de Araújo e o

geógrafo Milton Santos.

O professor Emerson Pinto era uma das principais fontes sobre a história de Jequié. Ele escreveu os livros "A História de Jequié", "Capítulos da História de Jequié", e a primeira e segunda versões da "Nova História de Jequié".

O professor Milton Santos tornou-se o único pesquisador brasileiro a ganhar o Prêmio Vautrin Laud (1994), considerado o Nobel da Geografia. No mesmo período, ganhou um Prêmio Jabuti, o mais importante da literatura brasileira, pelo livro "A Natureza do Espaço".

Milton Santos publicou uma importante monografia intitulada "A cidade de Jequié e Região", na Revista do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 1957, que foi fonte para os livros de Emerson Pinto de Araújo sobre Jequié.



O curador da Felisquié Domingos Ailton sendo entrevistado pela Rádio do Vaticano.

Apresentações artísticas na programação acadêmica

A programação acadêmica da IX Felisquíe não ficou restrita às palestras. Durante os três dias da programação oficial no Teatro Eunice Paiva do Colégio Navarro de Brito ocorreram diversas apresentações artísticas, principalmente de estudantes que participaram das atividades culturais da Felisquíe Itinerante.

Na Solenidade de Abertura houve apresentação instrumental do Núcleo Cidade Sol da Neojiba; da estudante da Escola Georgina Miranda, Alexia de Almeida Souza entoando o hino de Jequié e da sanfoneira mirim e Pérola Bulhões com o som da sanfona.

Dia 22 foi a vez do cantor Jô Bahia abri com muito axé a programação, que contou com também com um belo reportório de MPB do adolescente de 15 anos da cidade de Poções, Davi Novais.

Já dia 23 de outubro o Coral



Coral Vozes da Resistência em apresentação no Teatro Eunice Paiva.

Vozes da Resistência do Colégio Luiz Navarro de Brito abriu a programação; uma multiapresentação artística marcou o último dia da programação acadêmica da Felisquíe com a participação de alunos do Complexo Integrado de Educação Básica e Tecnológica de Jequié -CIEB (antigo Colégio Viana) com declamação de poesia de

Sofia Barbosa, música de Leandro Quadros e Juan Diego Mazo além da dança do grupo Bará formada por Aquila Lopes, Otávio de Aragão, Letícia Penha, Guilherme Santana, Tami-res Pereira, Gabrielle Gimenes, Lara Fábila Queiroz, Jullya Roberta e Rebeca Bastos e da encenação teatral dos alunos do IFBA Jequié.



Aluna da Escola Georgina Miranda, Alexia de Almeida Souza entoando o hino de Jequié.



O cantor adolescente Davi Novais com belo repertório de canções da MPB

Felisquiezinha empolga crianças e adolescentes



Crianças participaram com entusiasmo da Felisquiezinha.

Tendo o quase centenário Museu Histórico João Carlos Borges como cenário, a Felisquiezinha empolgou crianças e adolescentes com Oficinas e contação de histórias de histórias. A programação contou com o Projeto Sorrir do curso de Odontologia da UESB com “As descobertas de Ana sobre a cárie dentária” e a contação de

história “Unidos pela bravura”, que foram ministrado pelas alunas do curso de Odontologia Bianca de Jesus Santos e Deborah Evelyn Ribeiro dos Santos, com supervisão do professor Manoelito Ferreira da Silva Junior; Contação de História “Charles, a Estrela Autist. Uma aventura no mundo das estrelas azuis”, com a escritora Célia Bezerra.

A escritora indígena Gleice Ferreira contou as narrativas “A história de Mandi” e “A criação da noite” e ministrou oficina “Grafismo indígena” usando tintas naturais de urucum e jenipapo. Já a escritora italiana: Antonella Rita Roscilli ministrou a oficina “O Pulsar do coração”, com leitura extraída do livro “Storia Di um pino di citta e Altri Racconti”

Noah Cidreira desenvolveu experimentações artísticas de fotografias e colagens cruzando imagens do cotidiano, narrativas pessoais e arquivos históricos. Incentivando a criação de trabalhos visuais que estabelecem pontes entre a memória individual e coletiva da cidade de Jequié através do Projeto Sesc Narrativas Visuais.

A Felisquiezinha contou com apoio do curso de Odontologia da UESB e do SESC.



Equipe do Projeto Sorrir do curso de odontologia da UESB na Felisquiezinha.



A escritora Celina Bezerra com a contação de histórias do seu livro “Charles, a estrela do autista. Uma aventura no mundo das estrelas azuis”.



Crianças participando do projeto SESC Narrativas Visuais com Noah Cidreira.



A escritora Antonella Rita Roscilli ministrando a oficina “o pulsar do coração”, leitura extraída do livro “Storia di un pino di città e altri racconti”, de sua autoria.



As crianças ficaram encantadas com a narrativa do livro “Unidos pela bravura”.



A escritora indígena Gleice Ferreira interagindo com as crianças na Felisquiezinha.

As relações culturais entre italianos e baianos

Domingos Ailton

A presença italiana na Bahia, principalmente em Jequié, não ocorreu somente do ponto de vista econômico, mas houve um compartilhamento cultural. Ao mesmo que os italianos transmitiram saberes culturais também aprenderam com a tradição cultural local.

Jose Rotondano e José Niella, os pioneiros da imigração italiana em Jequiê, não apenas desenvolveram o trabalho crediário e de vendas de produtos, muitos deles importados da Europa, mascateando de fazenda em fazenda, mas também ensinaram e incentivaram aos agricultores para plantar fumo, café e cacau, uma vez que até aquela época o homem do campo praticava em Jequiê uma agricultura familiar com produtos da cultura dos povos indígenas que aqui habitavam. Esse trabalho de incentivo aos agricultores teve continuidade com Carlos Marotta, que passou a ser a

principal liderança da colônia italiana quando José Rotondano e José Niella retornam para a Itália. Eles também aprenderam com a população local o plantio de acordo com as fases da lua, o extrativismo do mel, do umbu e da palha de liburioba, a fabricação de derivados da mandioca como a farinha, o beiju e a tapioca, a confecção de chapéus, esteiras, abanos e sacolas de palha, o fabrico de canoas, jangadas e jiraus, as rezas e cantos da cultura popular entre outros.

As relações culturais ocorreram também na área da medicina. O médico italiano Siro Lilli, que salvou muitas indígenas com a medicina acadêmica também aprendeu com os nativos o conhecimento das plantas usadas nas curas de doenças.

O italiano Carlos Marotta foi importante memorialista e levou para a Itália cartas, fotografias, registros entre outros documentos que registra parte

da história de Jequié do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX.

Italianos e seus descendentes também deixara sua contribuição para a história artístico-cultural de Jequié. A primeira sala de projeção da cidade, o Cinema Italo Brasil, foi fundado em 1917 pelo italiano Andrea Leto. Seus parentes também estiveram ligados às artes. Beny Leto era professora de piano e acordeom; Humberto Leto além de músico era ventríloquo e Benito Leto foi um fotógrafo de referência em Jequié.

Na literatura descendentes de italianos também marcaram a história cultural de Jequié. Edgar Ferraro, que foi um fundadores da Academia de Letras de Jequié, era um bom contista; Miguel Mensitieri, que também pertenceu Academia de Letras de Jequié, poeta, compositor e revisor de qualidade e Carlos Mensitieri, excelente cronista.

O consagrado artista plástico Sante Scaldasferri, conhecido internacionalmente, tinha uma relação afetiva por Jequié onde viveram vários de seus parentes italianos e com certeza se inspirou também na paisagem do sertão jequeense para suas pinturas.

Portanto, as relações culturais entre italianos e baianos de Jequié foram de compartilhamento de saberes e experiências.

Leia no site www.felisquie.com.br o texto *A contribuição dos italianos na formação de Jequié* de autoria de Domingos Ailton.



A experiência do “Sersendo” como um dos ditames da Consciência, na Itália

Maribel Barreto¹

A expansão global de iniciativas dedicadas ao desenvolvimento da Consciência representa uma das mais significativas demandas para a transformação do sistema atual de educação. Nesse cenário, nossa atuação como educadora, escritora e Embaixadora da Paz encontrou terreno fértil em diferentes países, culminando no lançamento da obra *Os Ditames da Consciência: “Sersendo”* na Itália e em participações que reforçaram a dimensão essencial dessa proposta, como o Fórum Social da ONU, na Suíça. A conferência apresentada na IX Festa Literária Internacional do Sertão de Jequié nasceu desse percurso internacional e sintetiza décadas de estudo e práticas dedicadas à integração entre ciência, consciência e educação, com o propósito de contribuir para a consolidação do marco da nova humanidade, orientada pela expansão da Consciência.

A Consciência, entendida como uma faculdade originária e constitutiva do Ser Humano, é o centro dessa proposta. Nela residem os princípios das Leis Naturais, das Leis Universais, enfim, das Leis Divinas que regem o Universo que auxiliam o Ser Humano a discernir o real do ilusório, o justo do injusto, o nobre do vulgar. Quando incorporada ao processo educativo, essa compreensão torna-se um valioso instrumento de autoconhecimento, permitindo que crianças, jovens e educadores compreendam seu papel individual e coletivo no mundo. Ensi-

nar princípios como a Lei da Solidariedade, a Lei do Amor e a Lei da Ação e Reação significa plantar as bases de uma convivência humana mais harmoniosa e comprometida com o bem comum.

É nesse contexto que surge o Sersendo, uma proposta de autoconhecimento em movimento contínuo. Mais do que um método, trata-se de uma vivência dinâmica que integra três forças fundamentais: a vontade, como força transformadora que impulsiona o Ser rumo à evolução; a consciência, como força geradora e primordial que orienta o viver segundo as Leis Naturais que regem o Universo; e a ciência, como força vivificadora que une teoria e prática, possibilitando a concretização de ideias em ações. Quando essas forças são desenvolvidas de forma simultânea, tornam-se recursos de autotransformação e autorrealização. O Sersendo expressa essa dinâmica permanente do Ser, que não se limita a declarar o que é, mas busca viver-se em plenitude, automovimentando-se, autovivenciando-se, autoexperimentando-se, autoconhecendo-se e autoexpandindo-se em direção a estados mais amplos de Consciência.

A partir dessas bases, propõe-se uma abordagem pedagógica orientada à formação do Ser Humano Integral, com vistas ao processo de autoconhecimento e expansão da consciência. Essa abordagem contempla o estudo da Consciência e das Leis Naturais

que regem a vida, relacionando princípios universais às escolhas e atitudes cotidianas. Inclui também o aprofundamento no autoconhecimento, compreendido como investigação das dimensões física, psíquica e espiritual que constituem o indivíduo e determinam seu modo de ser no mundo. Soma-se a isso a prática diária da meditação como ferramenta indispensável para desenvolver presença, foco, sensibilidade emocional e conexão com a própria essência. Essa tríade, Consciência, Autoconhecimento e Meditação, configura a base necessária e emergencial da educação na contemporaneidade, capaz de promover equilíbrio, desenvolver as virtudes e vivenciar o estado de paz. A experiência vivida na Itália e na Suíça reafirma a dimensão universal dessa proposta educativa, em que os princípios do Sersendo transcendem fronteiras geográficas, culturais e linguísticas, por um viver mais consciente. Ao lançar a obra em língua italiana e compartilhar essa visão em ambientes internacionais, confirma-se que o estudo da Consciência não é apenas um caminho individual de aperfeiçoamento, mas também um compromisso coletivo com a construção de uma cultura de paz. Formar seres humanos conscientes torna-se, assim, mais do que um projeto pedagógico: é um chamado para a consolidação do Marco da Nova Humanidade, uma humanidade capaz de viver em harmonia consigo, com o outro e com o Universo.

¹ Embaixadora da Paz pela UPF/ONU; Doutora em Educação, com dois pós-doutorados, um em Educação e criatividade pela Universidade de Brasília (UnB) e o outro em Educação, Consciência e Transdisciplinaridade pela Universidade Católica de Brasília. Consultora em Ciências da Educação: o Marco da Nova Humanidade. Escritora. Membro da Academia de Letras de Jequié. Membro da Academia de Cultura da Bahia e da Academia de Letras e Artes do Salvador. Contatos: maribelbarreto1@gmail.com; @soumaribelbarreto

Diversidade de palestras na programação acadêmica

A IX edição da Felisquíe contou na sua programação acadêmica com uma diversidade de temáticas. A escritora e jornalista, brasileira e tradutora italiana Antonella Rita Roscilli (Roma -Itália), que dedica-se há muitos anos à difusão da cultura brasileira na Europa homenageou a memória do consagrado artista plástico Sante Scaldaferri com a palestra “Um ítalo-brasileiro, filho de Trecchina e de Jequié: Homenagem ao Sante Scaldaferri”, que foi mediada pela produtora cultural Selma Santos (Salvador-BA). Antonella Rita Roscilli também prestou homenagem à memória da escritora Zélia Gattai com a palestra “Zélia Gattai Amado e a reconstrução memorial da emigração italiana no Brasil”, mediada pela advogada, escritora e professora Ailana Freitas (Jequié-BA).

A antropóloga – fotógrafa italiana Patrizia Giancotti (Calabria- Itália) voltou ao Brasil depois de muitos anos para participar da Felisquíe. A pesquisadora, que é citada no livro “Navegação de Cabotagem”, de Jorge Amado, apresentou palestras com projeção de imagens como “Histórias de uma valiosa contribuição” homenageando italianos relacionados culturalmente ao Brasil, que foi mediada pelo professor Valter Marcelo (Jequié -BA); “Visões do Brasil na Itália” com o relato dos trabalhos sobre o Brasil desenvolvidos na Itália, incluindo as obras dos seus alunos da Academia de Belas Artes sobre a cultura da Bahia, que foi mediada pela escritora e professora Mileide Machado (Jequié – BA). Por fim, com a apresentação “Na rota das Sereias”, revelou que a ligação entre os dois países está relacionada ao mito e a espiritualidade, conectando o Sul da Itália com a Bahia, em uma fusão de tradições da antiguidade e

rituais contemporâneos, tendo como mediadora a professora Letícia Leto (Jequié- BA). Já o editor italiano Nicola Bergamaschi (Milão- Itália) abordou o tema “Publicações de obras brasileiras no mercado internacional e o desafio da tradução” em palestra mediada pela escritora Maribel Barreto (Salvador-BA).

“Modernismo Negro” foi a temática da palestra do professor Jorge Augusto - (Salvador/Jequié-BA), tendo como mediador professor Almir Santos (Jequié -BA). “A experiência do ser- sendo, como um dos Ditames da Consciência, na Itália” teve como palestrante a escritora e professora Maribel Barreto (Salvador -BA), mediada pela professora Ieda Sampaio (Jequié – BA). O escritor Décio Torres (Salvador -BA) palestrou com o tema “De paisagens interiores a histórias roubadas”, sendo mediado pela professora e escritora Adriana Abreu (Jequié – BA).

A Mesa literária “Euclides Neto, o Hóspede da Utopia” reuniu a professora Ana Sayonara (Jequié- BA) e o jornalista Elieser César-(Salvador- BA) para homenagear o centenário de nascimento do escritor Euclides Neto. Mediado pela advogada, escritora e professora Ailana Freitas (Jequié - BA), o escritor e professor Domingos Ailton Jequié -BA) conversou sobre “As relações culturais entre italianos e baianos”.

A palestra “Caminhando pelo Bosque da Literatura” proferida pela escritora Regina Luz (Salvador - BA) teve como mediadora a professora e escritora Elane Nardotto (Jequié - BA). Professora Gaetana Palladino (Vitória da Conquista - BA) falou sobre a vivência dos imigrantes italianos, mediada pelo escritor e professor Domingos Ailton. A programação acadêmica contou ainda com bate papo dos músicos Silvio Passos e Fabian Orrico sobre Raul Seixas.



A escritora Regina Luz revela o caminho pelo bosque da literatura.

Cine Felisquié presta homenagem ao fundador do cinema em Jequié, o italiano Andrea Leto e ao cineasta de descendência italiana Geraldo Sarno

No Cine São José o programa Cine Felisquié exibiu filmes brasileiros e italianos e homenageou o italiano Andrea Leto, fundador da primeira sala de projeção da cidade de Jequié, o Cinema Italo Brasil, criado em 1917 e o cineasta de descendência italiana Geraldo Sarno, natural de Poções, tendo como curadora Ieda Sampaio.

O Cine Felisquié contou a exibição “A Última Flor da Terra” (Comentário: Ieda Sampaio); “Sertânia” (Comentário: Marilusa Barreto); “Homilia Fúnebre” (Comentário: Robinson Roberto); Sante Scaldaferri (Comentário: Cícero Bathomarco) e “Cinema Paradiso” (Comentário: Letícia Leto).



A curadora do Cine Felisquié Ieda Sampaio apresentou o banner da programação de exibição de filmes no Cine São José.



O cineasta Cícero Bathomarco comentando o filme “Sante Scaldaferri”.



Após exibição de “Homilia Fúnebre”, o cineasta Robinson Roberto faz comentários sobre o filme.

Registros da FELISQUIÉ



Domingos Ailton, Davi Novais e Décio Torres.



A cantora Larissa Luz empolgou com seu sensacional show.



O cantor Tonho Matéria e produtora cultural Selma Santos.



Com certificados do Prêmio "Sante Scaldasferri": Cristovaldo Rodrigues dos Santos, Israel Nery Santos, José Augusto Almeida, que receberam das mãos de autoridades e escritores.



O italiano Nicola Bergamaschi com a decoradora Dilza Santana, que coordenou uma bela recepção com cardápio regional do sertão de Jequié.



A escritora Tamires Leto com o escritor e livreiro João Corado "Rei do Livro".



A escritora Maribel Barreto palestrando sobre a consciência.



Marilusa Barreto, Ieda Sampaio e Maribel Barreto no Cine Felisquie.



Crianças atentas a leitura do livro Unidos pela bravura, na Felizquezinha.



Da esquerda para direita: Fabian Orrico, Thiago Barreto e Silvio Passos em um bate papo sobre Raul Seixas.



Delegação de Lafaiete Coutinho com a presença da secretária de cultura Tatiana, do ex vereador Belizário Machado, dos escritores Jonas Carvalho e Paulo Nogueira, entre outros.



Da direita para a esquerda a escritora Mileide Machado e escritores Jonas Carvalho e Domingos Ailton na programação cultural da Felisquie.

Registros da FELISQUIÉ



Letícia Leto fazendo apresentação de Patrizia Giacotti.



Advogada, escritora e professora Ailana Freitas fazendo mediação da palestra de Antonella Rita Roscilli sobre Zélia Gattai.



O cantor descendente de italiano, Alex Bartilotti, cantando na abertura da programação cultural da Praça Rui Barbosa.



Grupos de capoeira participaram da apresentação de Rosy Banda e Tonho Matéria.



A estudante do curso de Letras da UESB, Bárbara Aragão apresentando o escritor Décio Torres.



Maria Nery Nascimento da cidade de Mutuípe presente na Feira do Livro da IX Felisquíe.



A professora e descendente de italianos, Gaetana Palladino, narrando a saga dos imigrantes da Itália.



O Terno de Reis das Pastorinhas e do Boi Mimoso encantou baianos e italianos.



O cantor e descendente de italianos, Paulinho Jequíe no show Jequíe em Cantos II.

PATROCÍNIO:



Secretaria de Cultura e Turismo

